

POR UMA NOVA TRADUÇÃO EM VERSOS DECASSÍLABOS DO *DE RERUM NATURA**Saulo Santana de Aguiar*¹

Resumo: Este trabalho tenciona apresentar uma tradução com notas, em versos decassílabos, de duas passagens célebres do poema *De rerum natura*, de Lucrecio, texto basilar da literatura latina, que visava divulgar em versos a filosofia de Epicuro. São elas o próêmio da obra (v. 1-49), que consta de um hino em honra à deusa Vênus, identificada como a força criadora de todas as coisas, e aquela que acreditamos ser a própria proposição poética do texto (I, v. 921-950), em que o poeta expõe seus ideais estéticos e artísticos sobre a função de sua poesia. A novidade, por assim dizer, de nossa proposta consiste na tentativa de realizar uma tradução em versos decassílabos do poema, retomando e atualizando uma tradição vinda do século XIX, de quando foram feitas as primeiras traduções decassilábicas do *De rerum natura*, em português.

Palavras-chave: poesia didática; métrica; literatura latina; tradução em versos decassílabos; filosofia epicurista.

Abstract: This study intends to present a translation with notes, in decyllable verses, of two famous passages of Lucretius's poem *De rerum natura*, a basic text of Latin literature, which aimed to disseminate Epicurus' philosophy in verse. They are the preamble of the work (v. 1-49), which consists of a hymn in honor of the goddess Venus, identified as the creative force of all things, and that which we believe to be the text's poetic proposition (I, v 921-950), in which the poet exposes his aesthetic and artistic ideals about the function of his poetry. The novelty of our proposal consists in the attempt to translate decyllable verses of the poem, resuming and updating a tradition from the 19th century, when the first decassyllable translations of *De rerum natura* were made, in Portuguese.

Keywords: didactic poetry; metric; Latin literature; translation in decyllable verses; Epicurean philosophy.

Introdução

Neste trabalho, em que pretendemos apresentar uma tradução nossa em versos decassílabos de duas passagens escolhidas do poema *De rerum natura*, de Lucrecio— o seu próêmio (v. 1-49), que abre o livro primeiro da obra através de um hino de louvor em honra da deusa Vênus, e a proposição poética do poema (v. 921-950), também no livro primeiro, em que se tece uma comparação entre a tarefa do médico e o ofício do poeta, já que ambos, na visão lucreciana, contribuem respectivamente para a saúde do corpo e da alma— buscamos igualmente expor e antecipar um projeto maior de tradução integral do texto, de que vemos necessidade, principalmente em se considerando as ainda poucas versões da obra de Lucrecio ao português, centradas nos seus aspectos propriamente poéticos e artísticos.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, com experiência na área de Letras Clássicas.

Como podemos observar, o *De rerum natura*, uma das obras lapidares da cultura romana, pouco desfruta de uma fortuna crítica vasta em português, o que se pode atestar pelo número também exíguo de traduções integrais desse poema em nosso idioma. Segundo temos ciência, há até agora um conjunto de apenas cinco traduções completas do poema, sendo quatro delas portuguesas, das quais duas, publicadas no século XIX, uma de Lima Leitão e outra de Agostinho Falcão, ambas em versos decassílabos, se encontram indisponíveis em versão física, aparecendo apenas em versões digitais passíveis de serem visualizadas na internet². Das outras duas, uma, do século XX, feita pelo filósofo português Agostinho Silva, em prosa, ainda é bem acessível, embora não tenha sido mais reeditada, e a outra, mais recente, publicada também em Portugal no ano de 2015, em edição bilíngue, foi obra do latinista Luís Manoel Gaspar Cerqueira, de caráter mais operacional, privilegiando o sentido do texto.

No Brasil, temos notícia de duas empreitadas tradutórias recentes: uma, levada a cabo por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba, coordenados pelo professor Juvino Alves Maia Jr., visa a tradução separada de cada livro do poema³, em versão bilíngue, com o intuito de oferecer ao leitor o máximo de fidelidade ao conteúdo original do poema, traduzido em versos livres; a outra, que acaba de ser publicada, foi preparada pelo professor da Universidade Federal do Paraná, Rodrigo Tadeu Gonçalves, e traz a novidade de ser uma tradução poética, a primeira desde que foram publicadas em Portugal as versões novecentistas do poema, calcada, contudo, em procedimentos tradutórios diversos, mais similares aos de Carlos Alberto Nunes, famoso por ter vertido as epopeias homéricas num verso que buscava reconstituir em português o antigo hexâmetro dactílico grego⁴. Assim, Gonçalves (2016, p. 187-188) procura, partindo dos mesmos pressupostos de Nunes, encontrar novas soluções que diversifiquem o modelo, produzindo em português uma variação do hexâmetro do tradutor maranhense, para a sua nova tradução de Lucrécio.

Com base nesse levantamento, constatamos duas coisas. Em primeiro lugar, ainda é pequeno o número de traduções do poema lucreciano ao português, e, o que é pior, em se tratando de um texto fundamental da literatura latina, o espaço de tempo que medeia uma

² Na realidade, das duas só a de Lima Leitão está disponível em sites para download, e ainda assim apenas o primeiro tomo, que consta dos três primeiros livros do poema, conforme pudemos apurar.

³ Até agora, pelo que pudemos observar, foram publicados os dois primeiros livros do poema, apenas em versão digital, pela editora Ideia, da UFPB.

⁴ Na seção de nosso trabalho sobre a tradução, iremos explicar melhor essa proposta.

publicação a outra é largo e intermitente⁵, coisa, aliás, bastante natural num país em que os Estudos Clássicos ainda contam com parca difusão cultural. Segundamente, o que tem preponderado nos trabalhos de tradução de Lucrecio são projetos que se voltam para a valorização do conteúdo, das ideias e do sentido do poema, em detrimento da forma poética, isso pelo menos desde o século XX, pois no XIX foram publicadas duas traduções em versos decassílabos, bem ao gosto da época, que tencionavam apresentar ao leitor o *De rerum natura* conforme os nossos próprios cânones estéticos. Daí que vertessem Lucrecio em linguagem camoniana, de modo a assimilar sua poesia ao nosso patrimônio cultural. Mas tal modelo de tradução parece ter sido deixado de lado, e mesmo agora que temos conhecimento de uma nova empreitada de tradução poética, ou rítmica, realizada por Gonçalves, tal tradução vem a se guiar por outros princípios metodológicos, pondo em primazia o ato de recuperar o ritmo original do poema lucreciano em português, em detrimento da utilização de uma métrica já tradicional e consagrada em nossa língua.

Em decorrência disso, nossa tradução pretende um retorno ao espírito das traduções novecentistas, embora que sem o ranço de um linguajar passadista e engessado⁶. Aplicamos ao nosso empreendimento sempre a intenção de alcançarmos a fluidez na leitura, de modo a não começar o trabalho de interpretação do leitor por meio de preciosismos de linguagem, ainda que nem sempre pudemos evitar o emprego de inversões e certos malabarismo sintáticos, até para que fôssemos fiéis à poeticidade do original. Ao fim e ao cabo, como se verá, sempre nos pautamos por conciliar em nossa tradução a clareza de sentido e a recriação⁷ do ritmo poético do texto.

⁵ Temos, em Portugal, duas publicações no século XIX separadas por um espaço de aproximadamente quarenta anos, uma no século XX, publicada, pelo que sabemos, quase cem anos depois da última, e outra, no presente século, passados quarenta e dois anos da publicação da tradução de Agostinho Silva. Ao menos podemos comemorar o fato de que nos últimos anos, no Brasil, alguns novos trabalhos de tradução distintos, nem todos ainda concluídos, estão sendo realizados, dos quais podemos destacar a recente publicação da tradução de Gonçalves, no final de 2021, o esforço coletivo já destacado de alguns pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba de tradução integral do poema, e o trabalho de Mário Henrique Domingues, que no ano de 2012 defendeu sua dissertação de mestrado em que consta uma sua tradução poética, em versos dodecassílabos, do sexto livro do poema. Assim, esperamos que isto resulte numa renovação do interesse pela obra lucreciana, em nosso país.

⁶ Passadista para nós outros, que nos achamos em pleno século XXI e que requeremos novos esforços de atualização das obras do passado, pois que na época em que essas traduções originalmente foram escritas, a linguagem empregada era comum e usual, pelo menos para o leitor minimamente culto e familiarizado com a tradição poética portuguesa.

⁷ Frisemos que, quando empregamos aqui a palavra recriação, não estamos a nos referir ao mesmo sentido assumido pela teoria da tradução de Haroldo de Campos. Nosso objetivo é apenas o de, utilizando recursos poéticos próprios da língua portuguesa, como no caso do verso decassílabo, fazer soar ao leitor o texto traduzido como poesia, ao mesmo tempo que procuramos também manter a fidelidade ao sentido do original, a fim de evitarmos a prática para nós válida mas dispensável de se traduzir poemas em prosa, mesmo quando o tradutor

Contextualização do poema

O poema *De rerum natura*, de Lucrécio, composto na primeira metade do século I a. C., é uma das grandes obras-primas da literatura latina, situado num momento histórico exatamente anterior ao apogeu dessa mesma literatura, o chamado século de Augusto, no qual foram compostas, tanto em prosa quanto em versos, obras que deixaram um testemunho e um legado civilizacional imprescindível para toda a história. Em tal posição intermediária dentro do quadro historiográfico da literatura romana, que marca a passagem do seu período arcaico para o período clássico, o poema lucreciano apresenta uma importância capital, pois que ao mesmo tempo que dá continuidade à tradição que o precede, iniciada por Ênio, faz a renovação dessa tradição por meio de uma composição poética absolutamente singular e original⁸, de matiz filosófico e vastas pretensões temáticas, que, não obstante a notória influência que desempenhou nos poetas das gerações seguintes, especialmente Virgílio e Ovídio, não encontrou imitadores⁹.

De tal modo, o *De rerum natura* pretende oferecer uma explicação, e ao mesmo tempo uma narrativa, sobre a origem do mundo, numa perspectiva filosófica e científica, sob as luzes da doutrina epicurista, que estabelecia ser o universo formado de matéria atômica, não ter sido ele criado pelos deuses, que em nada teriam interferido na vida humana, pois permaneceriam isolados num intermundo de paz e serenidade, vivendo de maneira autossuficiente, como é próprio de sua natureza, e a morte não ser nada para nós, visto que nossa alma seria material e mortal assim como o corpo, havendo de se desintegrar em suas várias partículas, após o fim de tudo, o que nos obrigaria a aceitar que não existiriam penas e castigos no além-túmulo e

faz uso do verso livre. Pois é preciso dizer que em muitas traduções desse tipo o uso do verso livre é apenas uma maneira prosaica de preservar a exata quantidade de versos da obra vertida.

⁸ Embora tanto o gênero quanto a temática filosófica do poema lucreciano já encontrem antecessores na literatura do período arcaico, especialmente em Ênio, um dos modelos de Lucrécio, que, segundo se sabe, compôs um obra didática de pendor filosófico a respeito da doutrina pitagórica não preservada à posteridade, é preciso frisar que a empreitada lucreiana de escrever um poema cosmológico, recontando a origem de tudo com base na doutrina física epicurista, de maneira tão vasta e pormenorizada, é fato único e original na literatura romana do período, e mesmo em toda a antiguidade, só achando paralelo na obra dos poetas-filósofos Pré-socráticos, que por isso mesmo influenciaram igualmente o epicurista romano.

⁹ Vale ressaltar que mesmo autores, como os citados, que fizeram questão de revelar a influência exercida pela obra de Lucrécio, jamais pretenderam realizar uma poesia de caráter ou pretensões análogas ao *De rerum natura*, que permanece, então, como espécie única na literatura latina. Virgílio, por exemplo, autor de outro importante poema didático, as *Geórgicas*, embora poeta de manifesta influência filosófica, que se deixa espriar em seus versos, não buscou jamais fazer poesia cosmogônica, e Manílio, que escreveu uma obra didática sobre as constelações de verniz estoico, as *Astronômicas*, não foi muito além de explicações circunscritas aos fenômenos celestes.

que a religião tradicional seria a fonte de inumeráveis males e preocupações para os homens, por inculcar neles medos e angústias desnecessários à vida.

Com efeito, o poema lucreciano, ao ensinar e transmitir tal doutrina, assume uma função de caráter salvífico, por instruir a humanidade a respeito de um modelo de vida que oferece paz e conforto, livrando os homens de passar a existência à procura de quimeras e sonhos vãos em nada propícios à sabedoria e à tranquilidade da alma, ideal almejado por todos aqueles que desejam um norte para fugir aos sofrimentos e atribulações, especialmente no contexto social e político em que a obra emerge na história romana. Quando Lucrécio escreveu seu poema, Roma passava por diversas convulsões sociais, devido às disputas de poder que agitavam a sociedade nos estertores da período republicano: guerras civis, a ditadura de Sula e as tentativas de golpe de Mário, o Triunvirato, e conflitos entre César e Pompeu. São estes os acontecimentos que foram observados por Lucrécio ao longo de sua vida, que, embora dela saibamos muito pouco¹⁰, podemos situar aproximativamente entre os anos 95 e 51 a. C.¹¹.

No que se refere ao poema em si, podemos classificá-lo como um exemplar da poesia didática, que era um gênero literário muito em voga na antiguidade clássica, caracterizado pela veiculação de doutrinas morais ou científicas por meio de uma forma discursiva em que o poeta se dirigia diretamente ao seu leitor, em primeira pessoa, fazendo uso de vários

¹⁰ A biografia de Lucrécio permanece até hoje envolta em incertezas e informações inconclusivas, tendo em vista que tudo que nos resta sobre ela é um conjunto precário e pouco confiável de três notas esparsas, incapazes de esclarecer algo além das datas de nascimento e morte do poeta, seu tipo de morte e algumas circunstâncias duvidosas de sua existência, e mesmo isso é pouco preciso e sujeito a dúvidas e desconfianças. De seu lugar de nascimento nada sabemos, e pelos informes de São Jerônimo somos avisados a respeito de o poeta ter vivido quarenta e quatro anos incompletos, e ter-se matado depois de ser afetado por uma insânia, em decorrência da ingestão de um filtro amoroso. Mas tais informações, apesar de serem as mais completas de que temos notícia, foram prudentemente postas em causa pela crítica moderna, devido aos desacordos que havia entre a doutrina epicurista propalada no poema lucreciano e a religião cristã da qual Jerônimo se fazia apologeta (é preciso também frisar que as anedotas sobre a vida do poeta relatadas por Jerônimo possivelmente já fossem divulgadas por outros adversários do epicurismo, como os filósofos estoicos, estando possivelmente presentes no tratado sobre os poetas de Suetônio, pretensa fonte do autor da vulgata nessa questão). Além desse relato, temos ciência de um curto fragmento de uma carta de Cícero, apontado por Jerônimo como editor póstumo do poema, ao seu irmão Quinto, em que são louvados pelo filósofo romano os dotes artísticos do poeta epicurista, e uma passagem da *Vita Vergilii*, de Donato, importante gramático e comentador das obras virgilianas do quarto século da era cristã, na qual são traçadas algumas datas divergentes das de Jerônimo sobre a morte de Lucrécio, fazendo coincidi-la com o ano em que o autor da *Eneida* tomou a Toga viril. No entanto, estas últimas informações também são postas sob suspeita, tendo em vista as próprias contradições internas do relato no que diz respeito às datas históricas empregadas, e o caráter fabulístico e miraculoso que adota o biógrafo para contar a vida do biografado, dando a impressão de que a informação de a morte de Lucrécio dar-se no mesmo ano em que Virgílio adentra na vida adulta está lá apenas para enfatizar a importância da passagem de bastão de uma geração para outra, a do poeta filósofo epicurista e a do mantuano, ambos os dois grandes nomes da literatura romana desses diferentes períodos.

¹¹ Utilizamos aqui das datas aproximadas empregadas pelo humanista Eduard Valentí Fiol em sua introdução à edição do poema, citada em nossa bibliografia. Mas outras datas também usadas recorrentemente para o estabelecimento dos anos de vida do poeta são as de 99 a 55 a. C.

mecanismos para a transmissão de seu conteúdo, desde a narração de mitos até à descrição poética de quadros do mundo natural, e a prescrição de normas para a vida prática. Assim, Lucrécio, ao circunscrever sua obra a tal gênero, se filia a uma vetusta tradição literária que acha seus primórdios no poema *Trabalhos e Dias*¹², de Hesíodo, o qual o poeta epicurista tem por modelo. Em tal tradição, vemos sempre a presença de determinados elementos marcantes, como a existência de uma voz poética em primeira pessoa que interage com um destinatário específico, representado por uma segunda pessoa do discurso, no qual se pretende incutir uma mensagem de valor moralizante ou filosófico, por meio de recursos eminentemente poéticos para ilustração do conteúdo (TREVIZAN, 2014, p. 30-31). No *De rerum natura* em especial, o poeta tem por interlocutor nominal o político e mecenas romano Caio Mêmio¹³, talvez seu amigo pessoal, a quem tenciona apresentar a doutrina moral epicurista como remédio para os diferentes males e temores que afetam a vida humana. Contudo, é preciso ter em mente que o recurso de evocar esta personagem da parte do poeta é apenas uma maneira de estabelecer uma relação direta com todo o seu leitor em potencial, representado pela figura desse eminente político romano¹⁴.

No mais, os poemas didáticos, dentre os quais o *De rerum natura* se faz um de seus maiores expoentes, seguem em sua maioria a tradição da poesia hexamétrica, do mesmo modo que o gênero épico, motivo pelo qual as duas tradições, muito distintas no que se refere à sua constituição poética, puderam ser confundidas, a tal ponto de um crítico minucioso como Quintiliano (2016, p. 59) contar os poetas didáticos antigos, como Hesíodo e Lucrécio, no mesmo filão da poesia homérica, coisa que reputamos um equívoco. Como vimos, o gênero didático caracteriza-se por uma estrutura discursiva e dialógica, na qual o poeta se dirige ao seu leitor em geral, com a pretensão de instruí-lo numa determinada matéria por meio do poder plasmador e aliciente dos mitos. Por conseguinte, em tal gênero, a narrativa

¹² É provável que *Trabalhos e dias* não seja o primeiro exemplar desse gênero poético, mas certamente é mais o antigo que nos chegou em forma escrita, tendo em vista que a tradição didática deva retroceder no tempo muitos séculos anos antes de Hesíodo, mas em forma de poesia oral, não deixando registros. Um bom argumento para essa tese é o de que em outras culturas orientais constatamos a presença de gêneros didáticos semelhantes em sua conformação ao poema hesiódico, como “*As Instruções de Shuruppak*”, poema da literatura sapiencial suméria.

¹³ Pretor e Propretor romano na Bitúnia, entre 58 e 57 a. C, foi uma figura de destaque no período, tendo sido mecenas de Catulo e Hélvio Cina.

¹⁴ É interessante notar que a escolha do poeta por Mêmio como destinatário imediato de sua obra revela também, de maneira geral, o público mais vasto que o autor pretendia alcançar com sua empreitada de divulgação do epicurismo em Roma: as classes dirigentes da antiga república que tinham em mãos o poder de transformar o cenário político e encerrar as disputas ideológicas que deterioravam o tecido social da urbe.

ocupa uma função secundária e circunstancial¹⁵, não obstante de grande importância, diferentemente do que ocorre no poema épico, onde a diegese ou narração está no centro da criação poética. Desse modo, por tal critério é possível diferenciarmos ambos os gêneros no que concerne à sua estrutura compositiva.

Ao fim, para estabelecermos de que modo se organiza a obra lucreciana, vejamos brevemente a sua composição estrutural: as divisões básicas do *De rerum natura* podem ser identificadas através do agrupamento tripartite de pares de livros que evoluem seus assuntos de maneira gradual, partindo das realidades mais primordiais da matéria, que são os átomos, até à exposição dos fenômenos sociais e celestes. Temos, então, o primeiro par, formado pelos livros I e II, que estuda a forma e o movimento dos átomos, e o modo como eles se agrupam a fim de criar corpos sólidos visíveis; o segundo, composto pelos livros III e IV, que discute a natureza da alma humana, de matéria atomística e densidade rarefeita, e, como tudo que possui geração, igualmente corruptível e mortal, além de tratar dos sentidos e da percepção da realidade por meio deles; por fim, o terceiro par, conformado pelos livros V e VI, que abarca uma verdadeira cosmologia na qual se encontram tanto análises sobre a sociedade humana como explicações científicas acerca dos astros.

Das passagens traduzidas

Para nossa tradução, escolhemos duas passagens do poema. A primeira é o seu famoso proêmio (I, v. 1-49), composto por um longo hino dedicado à deusa Vênus, que encerra um pedido para que a divindade auxilie o poeta na consecução da obra. A primeira vista tal pedido pode suscitar inúmeros problemas de interpretação, tendo em vista o caráter anti-religioso de todo o texto, marcado pela defesa das ideias epicuristas a respeito da inatividade e da impassibilidade dos deuses. Mas é necessário atinar para o fato de que Vênus, neste proêmio, não se afigura da mesma maneira que a sua versão tradicional, propalada pelos poetas e a religião, ainda que guarde pontos de contato com essa. Na realidade, a Vênus lucreciana que aí se manifesta apresenta traços de um simbolismo que a fazem assumir a face da própria natureza criadora, força cósmica por trás de todo o ciclo de criação e renovação do universo. Tal simbolismo, como muitos críticos argutos do poema viram, parece aproximar Lucrecio de uma corrente de poetas filósofos que se valiam da alegoria para a representação

¹⁵ Atentemos aqui para o fato de que no poema didático as partes narrativas estão destacadas do todo e correspondem a tentativas do poeta de exemplificar sua doutrina. Por isso dizemos ter elas funções secundárias no poema, pois que estão atreladas ao discurso do poeta, não sendo independentes dele. Já na épica a narração é o centro do próprio poema.

de suas ideias a respeito do *cosmos*, como Empédocles de Agrigento, reconhecido modelo inspirativo do poeta romano.

A segunda pode ser considerada como a proposição poética do *De rerum natura* (I, v. 921-950), de tamanha importância para o entendimento do poema que se acha repetida parcialmente ao início do livro IV, como seu introito. Nessa passagem, Lucrécio afirma seu ideário artístico, que consiste na defesa e na reafirmação do valor salvífico do seu poema. Nela, é dito que através dessa empreitada o poeta deseja angariar para si uma coroa insigne, oferecida pelas Musas, em reconhecimento ao seu papel de pioneiro, como o primeiro a pôr em versos as descobertas sagradas de Epicuro. Também é apresentada uma curiosa analogia entre a missão do poeta e a do médico, que se dispõe a curar os males do corpo por meio de um remédio amargo e indigesto, embora necessário, que por causa disso deve ser ministrado em taças embebidas em doce mel, com o fito de, disfarçando-lhe o gosto terrível, restabelecer a saúde de quem dele necessite. De tal maneira, resta claro que, para o poeta romano, é a doutrina epicurista esse remédio amargo da alma, tão necessário para o restabelecimento da saúde espiritual dos homens, para o qual sua poesia servirá de instrumento de transmissão, facultando ao seu leitor tomar conhecimento dessa doutrina na medida em que se encanta das belezas dos seus versos.

Com base nisso, é evidente a importância dessas passagens escolhidas para a apreciação da obra lucreciana, o que por si só justifica nossa escolha de começar a apresentar nosso projeto de uma nova tradução em versos decassílabos do poema a partir delas. Ademais, tais passagens são válidas para o nosso intento em decorrência de revelarem em muito as qualidades estéticas e estilísticas do poeta epicurista, haja vista que o próêmio aqui traduzido é unanimemente reconhecido como uma dos trechos mais belos, e por isso mesmo mais célebres, de todo o *De rerum natura*.

Da tradução

Para esta tradução, resolvemos adotar o metro decassílabo, próprio da épica e da poesia narrativa em português, a fim de evocarmos, mesmo que vagamente, aspectos rítmicos e poéticos presentes no original, embora saibamos das diferenças que separam o ritmo e a métrica de duas línguas como o latim e o português. Na primeira dessas, faz-se uso do sistema métrico quantitativo, que prioriza a valorização do aspecto durativo na prolação das sílabas e vogais. Em latim, o sistema vocálico baseia-se na diferenciação entre vogais longas e breves, na qual se estabelece que as longas têm o dobro de duração prosódica das breves (ALI, 1999,

p. 30). Assim, nesse sistema, o ritmo poético se conforma com base na junção dessas diferentes sílabas, que se agrupam em unidades rítmicas chamadas pés. Na poesia épica e didática, o metro utilizado é o hexâmetro dactílico, formado pela união de seis pés, que podem ser dáctilos (composto por uma vogal longa e duas breves), espondeus (duas longas), e troqueus (uma longa e uma breve). Porém, ainda que haja uma versatilidade rítmica nesse verso, em decorrência do emprego de pés variados no construção do metro, é preciso dizer que, observando-se as regras gerais de composição, o hexâmetro finda por sempre ter a mesma, ou quase a mesma, duração de doze tempos¹⁶.

Em português, por seu turno, temos o emprego de um sistema qualitativo, ou silábico-acental (GOLDSTEIN, 1989, p. 19), baseado na tonicidade das sílabas, visto que não observamos a mesma distinção do latim entre vogais longas e breves. Com efeito, o que importa, em nosso sistema métrico, é o número de sílabas empregadas no verso e quais os seus tipos, se tônicas ou átonas. De tal forma, com base nesse sistema, os metros são classificados em português conforme a contagem silábica, sendo o verso decassílabo, que utilizaremos em nossa tradução, composto por dez sílabas poéticas. Tal medida, segundo é amplamente conhecido, é a mais apropriada para uma poesia de caráter narrativo ou discursivo, já que “seu ritmo favorece a ação, oferecendo ao leitor, linha a linha, uma combinação precisa de informação e melodia” (BOTELHO, 2013, p 18). Por isso foi empregada desde tempos remotos pelos nossos poetas épicos, dentre os quais podemos destacar a tradição camoniana.

Em razão disso, achamo-nos justificados em nossa escolha por esse metro, tendo em mira que já em latim, mas também em grego, era natural aos poetas didascálicos se valer da mesma métrica da épica, não obstante as várias diferenças que apontamos entre esses gêneros no que concerne à sua estrutura compositiva. Por tal efeito, ao fazermos uso, em nossa tradução, do mesmo metro tradicional da épica em língua portuguesa, acreditamos prestar reverência à nossa própria tradição poética, de modo a que o leitor já familiarizado com ela possa, por meio de uma identificação com nossos valores literários, fruir o texto de maneira mais proveitosa.

¹⁶ Isso ocorre porque, no hexâmetro, do primeiro ao quinto pé só são empregados o dáctilo e o espondeu, que têm a mesma duração de dois tempos (pois as duas vogais breves que terminam o dáctilo equivalem, em duração, à vogal longa do espondeu). A única variação possível é a do sexto pé, passível de ser troqueu ou espondeu. Assim, o hexâmetro irá variar entre doze tempos e onze tempos e meio (no caso de ter o sexto pé trocaico).

Por outro lado, quando assim procedemos, recuperamos um velho hábito tradutório, muito comum até bem pouco tempo, mas hoje já não tendo o mesmo uso, de se verter ao português obras da antiguidade clássica, especialmente na seara da poesia, por meio de metros e formas já consagrados em nossa tradição. Temos visto nos últimos anos ou décadas um crescimento muito frutuoso, sem dúvida alguma, de traduções dos clássicos que ora atendem ao objetivo precípua da fidelidade à letra do texto, não raro levando a se traduzir poesia por prosa¹⁷, ora observam a busca de uma equivalência métrica com o original, por meio da recriação em vernáculo das antigas medidas rítmicas Greco-latinas¹⁸. Não nos fazemos em momento algum opositores dessas práticas, mas deixamos claro aqui nosso desejo de, em nossa tradução, observar antigos expedientes tradutórios que a nosso ver permanecem válidos e merecem difusão, como no caso da utilização de medidas tradicionais da poesia portuguesa, o verso decassílabo, por exemplo, para a versão de obras da antiguidade.

No que se refere ao poema lucreciano em específico, notamos que tal prática foi, se não frequente, ao menos presente até ao século XIX, quando temos ciência de duas traduções ao português, em verso decassílabo, já citadas em nossa introdução. A primeira de Antônio José de Lima Leitão, datada do ano de 1851, da qual só tivemos acesso pela internet¹⁹ ao primeiro tomo, constando dos três primeiros livros do poema; a segunda de Agostinho Falcão, cujo texto não tivemos acesso, mas sabemos ter sido publicada em 1890, em Coimbra. Da versão de Leitão, a única que pudemos ler, que também foi tradutor da Eneida e do Paraíso Perdido, de Milton, esta sua tradução mais reconhecida, constatamos o claro empenho dispensado em procurar recriar em português a beleza dos versos lucrecianos, valendo-se para

¹⁷ Chamamos a esse tipo de tradução operacional, pois que pretende revelar ao leitor os elementos da estrutura dos textos traduzidos, que passariam despercebidos muitas vezes numa tradução menos literal e mais criativa, mantendo-se fiel a eles. Mas tal fidelidade é produto sempre de uma escolha: nesse caso, opta-se por privilegiar o sentido e a estrutura gramatical, deixando de lado outros aspectos menos palpáveis, como o da forma poética em si. Assim, muitas vezes um texto traduzido por tais critérios pode parecer ao leitor muito fluido e claro, embora perca em sua própria poeticidade. Ao final, resta que tudo é uma questão de se escolher a que coisa ser fiel na tradução, pois todos os métodos são válidos.

¹⁸ Um exemplo claro e muito meritório disso são as traduções dos poemas homéricos e da Eneida por Carlos Alberto Nunes, que já nos anos 1940 parece ter lançado uma moda que frutificaria nos estudos clássicos brasileiros das últimas décadas. Trata-se da tentativa de encontrar equivalências, na medida do possível, em nossa língua, para a metrificacão clássica, baseada, como dissemos, não no sistema tonal, mas no de duração vocálica. Para tanto, Nunes, procurando emular o hexâmetro dactílico da épica homérica, criou um verso bárbaro de 16 sílabas em português, no qual, para compensar a ausência de sílabas longas e breves, substituiu-as por tônicas e átonas, formando pés dactílicos a partir da reunião de um sílaba tônica e duas átonas, ritmo esse que prepondera em todo o verso. Nos últimos anos, novas tentativas de diversificar esse modelo foram postas em prática, inclusive na tradução do poema lucreciano pelas mãos de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Para maiores informações a respeito desses trabalhos, conferir nossa bibliografia, especialmente os artigos lá listados de GONÇALVES e NETO.

¹⁹ Pelo seguinte link: <http://dererummundi.blogspot.com/2007/08/sobre-natureza-das-cousas.html>.

tanto dos recursos poéticos próprios do nosso idioma. Em certo sentido, seu projeto tradutório guarda afinidades com aquele do humanista maranhense Odorico Mendes, que na primeira metade do século XIX se esforçou por verter ao português as epopeias homéricas e todo o Virgílio. No entanto, Leitão não chega, ou não procura chegar, à mesma concisão desse último, que se revela, aliás, na própria afirmação de Odorico de ter traduzido a *Ilíada* com menos versos que o original.

De todo modo, ainda que reconheçamos a validade do trabalho de Lima Leitão, e a qualidade de sua tradução, é preciso afirmar aqui o caráter em parte já datado de sua empresa, tendo em vista o emprego de um linguajar novecentista muito condizente, é claro, com o momento histórico em que a tradução foi realizada, mas que hoje já parece deslocado ao leitor moderno, o que justifica, de nossa parte, a tentativa de atualizar essa empreitada de se traduzir os versos de Lucrécio ao português por meio do metro decassílabo, seguindo os nossos próprios critérios, os quais podemos esclarecer agora. Por sinal, é preciso que se diga que esse empenho na constante atualização do processo tradutório é extremamente benéfico e benfazejo para a própria circulação e divulgação dos clássicos, tendo em vista que por melhor e mais competente que seja uma tradução é impossível que ela não venha a perder sua vitalidade com o tempo, sendo necessário sempre novos esforços tradutórios, a fim de que as novas gerações continuem a se familiarizar com as obras do passado que nos legaram uma valiosa contribuição cultural.

Quanto à nossa versão ao português das passagens do *De rerum natura* destacadas para este trabalho, a qual pretendemos continuar para um projeto mais vasto de tradução integral do poema, estabeleçamos que, além de nos valermos do metro decassílabo, como já foi dito, para evocar o caráter discursivo e muitas vezes narrativo da obra, por meio de um recurso próprio de nossa tradição poética, tivemos como norte o ideal de preservar ao máximo que fosse possível o sentido original, mantendo dentro de nossas possibilidades muito das estruturas sintático-semânticas do texto de partida, ao mesmo tempo em que nos empenhávamos por alcançar a fluidez própria de um texto que se pretende claro e objetivo, evitando assim construções demasiadamente rebuscadas que afastassem o leitor do entendimento das palavras do poeta. Somos cômicos da precariedade de nossa empresa, tendo em vista a impossibilidade de nos mantermos sempre fiéis à estrutura original, devido à nossa escolha de empregarmos um metro tão diferente do que é usado em latim.

Aliás, é daí que provém um de nossos maiores problemas, pois que o decassílabo é verso reconhecidamente menor, em quantidade silábica, que o hexâmetro dactílico, que pode

variado, grosso modo, de 13 a 17 sílabas. Em decorrência disso, tivemos de fazer uma escolha para que nosso ideal de fidelidade, mesmo que relativa, não fosse sacrificado, o que nos levou a empregar mais versos em nossa tradução do que haveria no original²⁰, já que, caso o não fizéssemos, haveríamos de escoimar o texto de elementos necessários ao propósito do poeta, caindo no dever de concisão, a qual tanto evitamos²¹, e mesmo no ingrato dever de alterar deliberadamente as palavras do poeta, a fim de torcer o texto original ao nosso método tradutório, procedimento que consideramos absurdo e desnecessário. Ainda assim não foi possível, de todo, resguardarmos sempre a estrutura original, sendo indispensável em alguns momentos modificações, acréscimos e cortes, sobre os quais nos escusamos e contamos com a indulgência do leitor, sob a justificativa de não termos, ao menos, de maneira contumaz incidido nesse erro. Pois, ao fim, traduzir é fazer uma escolha entre o que se deve e se não deve preservar, de acordo com os critérios adotados para o trabalho.

Proêmio do *De rerum natura*.

- 1- *Aeneadum genetrix, hominum diuomque uoluptas,*
- 2- *alma Venus, caeli subter labentia signa*
- 3- *quae mare nauigerum, quae terras frugiferentis*
- 4- *concelebras, per te quoniam genus omne animantum*
- 5- *concipitur visitque exortum lumina solis:*
- 6- *te, dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli*
- 7- *aduentumque tuum, tibi suauis daedala tellus*
- 8- *summittit flores, tibi rident aequora ponti*
- 9- *placatumque nitet diffuso lumine caelum.*
- 10- *Nam simul ac species patefactast uerna diei*
- 11- *et reserata uiget genitabilis aura fauoni,*
- 12- *aeriae primum uolucris te, diua, tuumque*
- 13- *significant inimum, percussae corda tua ui.*
- 15- *inde ferae pecudes persultant pabula laeta*
- 14- *et rapidos tranant amnis: ita capta lepore*
- 16- *te sequitur cupide quo quamque inducere pergis.*
- 17- *denique per maria ac montis fluuiosque rapacis*
- 18- *frondiferasque domos auium camposque virentis,*
- 19- *omnibus incutiens blandum per pectora amorem,*
- 20- *efficis ut cupide generatim saecla propagent.*
- 21- *Quae quoniam rerum naturam sola gubernas*

²⁰ A fim de evitar dificuldades na leitura, colocaremos ao lado esquerdo dos versos a numeração dos que empregamos em nossa tradução, e ao lado direito a equivalência, de cinco em cinco versos, com aqueles do original, de modo a que o leitor possa se situar melhor em nosso trabalho.

²¹ A concisão na tradução do hexâmetro em decassílabo parece ser natural, tendo em mira as disparidades na extensão dos dois versos. Mas, por isso, não querendo aqui deixar nada de relevante de fora, e respeitando as escolhas do poeta, achamos imperioso cometer o pecadilho de traduzir as passagens usando o máximo número de versos que fosse necessário, ultrapassando bastante o tamanho do original.

- 22- *nec sine te quicquam dias in luminis oras*
 23- *exoritur, neque fit laetum neque amabile quicquam,*
 24- *te sociam studeo scribendis uersibus esse,*
 25- *quos ego de rerum natura pangere conor*
 26- *Memmiadae nostro, quem tu, dea, tempore in omni*
 27- *omnibus ornatum uoluisti excellere rebus.*
 28- *quo magis aeternum da dictis, diua, leporem.*
 29- *effice ut interea fera moenera militiai*
 30- *per maria ac terras omnis sopita quiescant.*
 31- *Nam tu sola potes tranquilla pace iuuare*
 32- *mortalis, quoniam belli fera moenera Mauors*
 33- *armipotens regit, in gremium qui saepe tuum se*
 34- *reiiicit aeterno deuictus uulnere amoris,*
 35- *atque ita suspiciens, tereti ceruice reposta,*
 36- *pascit amore auidos inhians in te, dea, uisus,*
 37- *eque tuo pendet resupini spiritus ore.*
 38- *hunc tu, diua, tuo recubantem corpore sancto*
 39- *circumfusa super, suauis ex ore loquellas*
 40- *funde petens placidam Romanis, incluta, pacem.*
 41- *Nam neque nos agere hoc patriai tempore iniquo*
 42- *possumus aequo animo nec Memmi clara propago*
 43- *talibus in rebus communi desse saluti.*
 44- *omnis enim per se diuum natura necessest*
 45- *immortali aeuo summa cum pace fruatur*
 46- *semota ab nostris rebus seiunctaque longe;*
 47- *nam priuata dolore omni, priuata periclis,*
 48- *ipsa suis pollens opibus, nihil indiga nostri,*
 49- *nec bene promeritis capitur nec tangitur ira.*

Tradução:

- 1- Ó da prole d' Enéias mãe, e volúpia 1
 2- Dos homens e dos deuses, ó alma Vênus²²,
 3- Tu que, no céu sob astros erradios²³,

²² Aqui os três epítetos empregados para caracterizar a deusa Vênus (*genetrix, voluptas; alma*), traduzidos respectivamente por “mãe, volúpia e alma”, servem para delimitar com precisão a esfera de atuação e o poder da deusa. Servem também para indicar-lhe os atributos, pois é Vênus a mãe da descendência de Enéias (*Aeneadum*), ou seja, de todo o povo romano, mas igualmente por extensão, mãe de todos os viventes, como é dito no quarto e quinto verso “*per te quoniam genus omne animantum concipitur*”; o prazer dos homens e deuses (*hominum diuomque voluptas*), característica de vital importância para o sentido filosófico do poema, porque se associa à doutrina hedonista de Epicuro, que vê no prazer o sumo bem almejado pelo homem, ao mesmo tempo que anuncia a relação da deusa com a procriação das espécies, tal como é exposto nos versos 19 e 20 “*omnibus incutiens blandum per pectora amorem, / efficis ut cupide saecla generatim propagent*”; e, por fim, ela é a nutriz, pois o adjetivo “*alma*” descende do verbo latino *alo, alere*, que significa “nutrir, alimentar”. Daí ser possível interpretar tal hino de acordo com um sentido simbólico ou mesmo alegórico, compreendendo a deusa Vênus como uma representação da própria força da natureza, que dá vida aos seres, os faz se multiplicarem, e os alimenta.

²³ Os astros erradios fazem referência aqui ao movimento dos corpos celestes, abaixo dos quais a ação de Vênus ocorre. Com erradios traduzimos “*labentia*”, participio presente do verbo “*labor, labi*”, que indica a queda ou o deslizar de um corpo. É interessante que esses signos do céu de que fala o texto já parecem revelar um sentido

- 4- O navegero mar, e as férteis terras
 5- Povoas²⁴, pois por ti todo ser vivo
 6- É gerado, e divisa, logo nasce,
 7- Do sol a luz dos raios, que o alumia. 5
 8- De ti fogem os ventos²⁵, fogem nuvens,
 9- Basta, ó deusa, que chegues; e dedálea²⁶,
 10- Gentis flores a terra te oferece;
 11- P’ra ti do mar sorriem as planícies,
 12- E o céu plácido em luz difusa brilha²⁷.
 13- Tão logo se revela a vernal face 10
 14- Do dia, e do favônio uma aura sopra,
 15- Primeiro, pressagiam²⁸ o teu advento
 16- Aéreas aves, deusa, perturbadas
 17- Nos corações por teu poder imenso.
 18- Depois, feras e reses saltitando
 19- Ricos pastos percorrem, e nos rios
 20- Impetuosos nadam, e um, cativo²⁹ 15
 21- De tua graça, te segue p’ra onde queiras.
 22- Enfim³⁰, por mares, terras, rios vorazes,
 23- Pelos lares frondíferos das aves,
 24- E pelos bosques verdejantes, tu,

augural, que precede e antecipa a epifania da deusa, na primavera, como veremos confirmado nos versos seguintes.

²⁴ Assim como são triplos os atributos da deusa, também são três os lugares onde ela habita: Céus, terra e mar. O verbo “*concelebras*”, que traduzimos por povoar, indica, em seu sentido mais original, o ato de preencher, de frequentar ou povoar um espaço, o que aponta para o fato de que Vênus habita nesses lugares, e fá-los fecundos, como se vê pelos adjetivos “*navigerum*” e “*frugiferentis*”. Daí a presença da deusa marcar a própria celebração da fecundidade de tudo em que ela toca e age, e que enche então de vida.

²⁵ A epifania da deusa coincide com os prenúncios da primavera, estação propícia à união dos seres e à fecundidade das espécies, representados no texto pelo aparecimento das suaves flores, a dissipação dos ventos e das nuvens do céu, e o resplandecer da luz solar; a beleza primaveril dos dias, a viração do favônio (o vento da primavera), o voo prenunciador dos pássaros e a união dos animais selvagens a correr pelos prados e a atravessar a nado os rios velozes.

²⁶ O adjetivo *daedalus* em latim, que traduzimos por dedálea, indica algo que possui alguma habilidade, que tem engenhosidade, já que remete à personagem mitológica de Dédalo, símbolo máximo do artífice perfeito e multifacetado. O curioso dessa passagem é que ao atribuir à terra (*tellus*) tal característica, o poeta lhe confere uma feição ativa com relação à deusa, quase personificando-a, pois que a terra aí é enfocada pelo seu aspecto produtivo.

²⁷ Tal descrição visa a demonstrar que com o aparecimento da deusa, o céu, antes encoberto pelas nuvens, no inverno, se abre então, em plena primavera, tal como os ventos das tempestades se dissipam, tão logo aparece Vênus, a força criadora que tudo anima e fecunda no tempo propício.

²⁸ Escolhemos tal verbo para traduzir o original “*significant*”, a fim de recuperar o sentido augural que nele está contido, pois os pássaros, animais intimamente ligados à arte divinatória, também são responsáveis por anunciar as mudanças das estações, por meio do seu voo. Assim, tais animais, no contexto do poema, fornecem os prognósticos da chegada da primavera e da epifania de Vênus.

²⁹ Nesta passagem, fica evidenciado o poder de sedução da deusa, tendo em vista que seduzir, etimologicamente, é separar do bando (*se-* partícula que indica separação+ *duco-* que significa “guiar, conduzir”). Atente-se para o fato de que, ao início do trecho, os animais estão sempre descritos no plural, mas sutilmente o narrador introduz o particípio *capta*, no singular, que individualiza a fera, capturada pela deusa, devido à força de sua atração. Tal emprego dá entender que o animal, para ser tomado pelo furor de Vênus, precisa ser afastado do bando, de modo a que toda a sua resistência seja quebrada.

³⁰ A atuação da deusa estende-se, a partir desse ponto, a todos os viventes, habitantes do mar e da terra, dos rios e dos bosques.

- 25- No peito suscitando amores brandos,
 26- Fazes que pelos séculos as raças
 27- Se propaguem, espécie por espécie³¹. 20
 28- Visto tu governares a natura
 29- Das coisas, e sozinha, pois sem ti
 30- Nada às fronteiras da luz sai, e nada
 31- Se faz sem ti contente, ou faz-se amável,
 32- Anseio sejas sócia³², para a escrita
 33- Destes versos acerca da natura
 34- De tudo, os quais componho em homenagem 25
 35- Ao nosso Mêmio³³, a quem sempre quiseste
 36- Em tudo sobejar, paramentado.
 37- Concede, pois, a graça, ó minha diva,
 38- Aos meus ditos, de serem para sempre.
 39- Mas faze com que cessem nestes tempos³⁴
 40- Os feros espetáculos da guerra,
 41- E que eles, sopitados, pelos mares
 42- E por todas as terras se aquietem. 30
 43- Pois, ceder só tu podes aos mortais
 44- Uma serena paz, porque os ferozes
 45- Espetac'los da guerra os rege Marte³⁵,
 46- O mui potente em armas, que se lança
 47- Ao teu seio, vencido por amor,
 48- A sua eterna ferida, e, contemplando,
 49- Co' a polida cerviz então pousada, 35
 50- Nutre de amor seus olhos, desejando-te
 51- Com avidez, ó deusa, e, ressupino,
 52- Dos teus lábios lhe sai vital espírito³⁶.
 53- Tu, com teu corpo santo, ó minha diva,

³¹ Aqui encerra-se a epifania da deusa, que abre o hino à Vênus. Nos versos seguintes, o poeta faz sua prece para que a divindade, encarnação da própria natureza, o favoreça em sua empreitada.

³² O pedido do poeta para que a deusa seja sua sócia (*sociam*) na empresa que vai iniciar, que é a da consecução do poema, parece indicar já uma racionalização do processo inspirativo, já que, diferentemente do que se passa nos poetas do período arcaico da Grécia antiga, que se pintavam como possuídos pela divindade, aqui Lucrecio admite a deusa como uma companheira da escrita do poema, como alguém que estará junto dele, facultando graça e beleza à sua empreitada.

³³ Para maiores informações a respeito dessa personagem a quem Lucrecio dedica o seu poema, remetemos às notas 12 e 13 deste trabalho. Lembramos apenas que, conforme é sabido, a *gens Memmia* tinha Vênus como sua deusa protetora, o que ocorre para justificar também a escolha do poeta por essa divindade auxiliadora.

³⁴ A alusão aos tempos de guerra aqui faz ecoar de maneira muito clara os conturbados anos da política romana em que viveu o poeta, a que já fizemos menção em nossa seção de contextualização da obra.

³⁵ O mote para a narração do mito dos amores entre Marte e Vênus, que agora se inicia, foi retirado da *Odisseia*, VIII, v. 266-366, mas acreditamos que em Lucrecio esse mito adquire um aspecto muito mais simbólico, no qual essas duas divindades assumem a representação de dois princípios antagônicos que governam a natureza, o amor e o ódio, tal como é estabelecido por Empédocles em seu poema filosófico. Assim, nessa passagem vemos a submissão do ódio, simbolizado por Marte, à vontade indômita do amor/Vênus, o que permite, no âmbito do mundo natural, a propagação da vida, e no âmbito da criação artística, o escritura do próprio poema, que necessita da tão desejada paz para lograr seus objetivos de defesa e difusão do epicurismo em Roma.

³⁶ Perceba-se toda a sutileza da imagem aqui construída do amante que se deixa envolver pelos braços da amada, de tal modo que sente mui perto a exalação de seu hálito, encontrando-se em posição de total submissão, devido aos encantos de sua beleza.

- 54- Em torno a este te envolve, e com a boca
 55- Doces palavras anuncia, ó ilustre,
 56- Aos romanos pedindo a branda paz³⁷. 40
 57- Nem isto, pois, podemos, neste tempo
 58- Inimigo da pátria, com espírito
 59- Reto fazer, nem a preclara raça
 60- De Mêmio, descuidar ante tais fatos
 61- Da comum salvação d' urbe romana.
 62- De fato é necessário a natureza³⁸
 63- Dos deuses por si mesma usufruir
 64- Da suma paz, por tempo imorredouro; 45
 65- Separada de nós, das nossas coisas,
 66- Privada de perigos e de dores,
 67- De seus recursos dona, mas dos nossos
 68- Em nada precisando, pois mal é
 69- Pelos nossos favores comovida,
 70- Nem consumida pela cega fúria. 49

A pódica lucreciana:

- 921- *Nunc age quod superest cognosce et clarius audi.*
 922- *Nec me animi fallit quam sint obscura, sed acri*
 923- *Percussit thyrsos laudis spes magna meum cor*
 924- *Et simul incussit suavem mi in pectus amorem*
 925- *Musarum, quo nunc instinctus mente vigenti*
 926- *Avia Pieridum peragro loca nullius ante*
 927- *Trita solo. Iuvat integros accedere fontis*
 928- *Atque haurire, iuvatque novos decerpere flores*
 929- *Insignemque meo capiti petere inde coronam*
 930- *Unde prius nulli velarint tempora Musae;*
 931- *Primum quod magnis doceo de rebus et artis*
 932- *Religionum animum nodis exsolvere pergo,*

³⁷ A *pax romana* é essencial ao intento do poeta, pois sem ela como poderia levar a cabo seu trabalho de instrução do seu povo? Para seguir o epicurismo, é necessário que os homens tomem consciência da necessidade de abandonarem as lutas vãs pelo poder e a cobiça do dinheiro, a fim de se tornarem propícios a ouvir a mensagem sagrada de Epicuro. Mas em meio a uma crise social tão grande, como aquela que atingia a urbe romana no momento em que o poeta realizava sua obra, só mesmo o favorecimento dos deuses, e nesse caso da própria força da natureza, para aplacar os anseios de dor e sofrimento que afligem os homens, pondo uma trégua nos seus conflitos.

³⁸ Essa passagem que encerra o proêmio contém em resumo as ideias centrais do epicurismo a respeito da função dos deuses, que prescreve a sua inatividade e impassibilidade absoluta. Para Epicuro, os deuses, de fato, existem, mas eles não interferem na vida humana, nem foram os criadores do mundo, pois que passam toda a eternidade num gozo perfeito, livres de preocupações e de cuidados, bastando a si mesmos, por causa de sua própria autossuficiência. Muito por isso, alguns comentadores chegaram a pensar que tal passagem fora interpolada aí a fim de se conciliar o elogio de Vênus, presente no proêmio, e a doutrina teológica epicurista, de modo a se evitar mal-entendidos da parte do leitor. No entanto, tal juízo leva-nos a acreditar que haja no hino a Vênus alguma contradição explícita com os princípios da filosofia epicurista, o que rejeitamos de todo, haja vista a interpretação simbólica que damos à divindade no poema, como representação da própria força criadora da natureza. Por isso não vimos razão em, como muitos editores pretendem, retirar os versos finais do proêmio, sob a alegação de não estarem em conformidade com as intenções do poeta.

933- *Deinde quod obscura de re tam lucida pango*
 934- *Carmina, musaeo contingens cuncta lepore.*
 935- *Id quoque enim non ab nulla ratione videtur,*
 936- *Sed veluti pueris absinthia taetra medentes*
 937- *Cum dare conantur, prius oras pocula circum*
 938- *Contingunt mellis dulci flavoque liquore,*
 939- *Ut puerorum aetas improvida ludificetur*
 940- *Labrorum tenuis, interea perpotet amarum*
 941- *Absinthi laticem deceptaque non capiatur,*
 942- *Sed potius tali pacto recreata valescat*
 943- *Sic ego nunc, quoniam haec ratio plerumque videtur*
 944- *Tristior esse quibus non est tractata, retroque*
 945- *Vulgus abhorret ab hac, volui tibi suaviloquenti*
 946- *Carminis Pierio rationem exponere nostram*
 947- *Et quae musaeo dulci contingere melle,*
 948- *Si tibi forte animum tali ratione tenere*
 949- *Versibus in nostris possem, dum perspicis omnem*
 950- *Naturam rerum qua constet compta figura.*

Tradução:

1- Eia vamos, e o que resta, assim, conhece, 921
 2- Mais claro, ouvidos presta ao que te digo.
 3- Nem me escapa ao espírito quão sejam
 4- Obscuras³⁹ estas coisas que anuncio,
 5- Mas é grande a esperança de louvor⁴⁰
 6- que com agudo tirso⁴¹ me percute
 7- o coração, e no peito me compele
 8- Ao das Musas suave amor, que agora
 9- Me faz, por mente vigorosa instado, 925
 10- Correr por ínvias vias⁴² não trilhadas
 11- Das Piérides⁴³, nunca antes de mim.
 12- Pois agrada beber nas fontes íntegras⁴⁴,
 13- E as novas flores recolher agrada,

³⁹ Obscuro aqui se refere à matéria do ensinamento epicurista, sobre a qual o poeta busca lançar luz com sua arte, e é esse o propósito da sua obra.

⁴⁰ O poeta anuncia sua ambição de angariar para si o reconhecimento por sua empresa de pôr em versos a doutrina de Epicuro, a fim de clarificá-la para o leitor romano da época, expurgando-a com o mel das Musas das dificuldades de sua compreensão, tarefa esta ao mesmo tempo árdua e pioneira, como veremos nos versos seguintes.

⁴¹ O tirso é uma vara ou bastão enfeitado de pâmpano, associado ao culto de Dioniso, já que era usado pelo deus para provocar o êxtase em seus seguidores, ao bater no neófito com ele, ou para conduzir a multidão em frenesi, qual um aguilhão. Nesse sentido, tornou-se símbolo da inspiração poética, e assim é referido por Platão, no *Íon*, e por Demócrito.

⁴² Esses ínvios caminhos das Piérides formam uma bela metáfora para a atitude pioneira do poeta de escolher um tema tão difícil e jamais tentado, o que só enobrece sua empresa.

⁴³ As Piérides fazem alusão à região onde, segundo a mitologia, teriam nascido as Musas, filhas de Zeus e Mnemosine. É um lugar consagrado à poesia, e indica aqui metaforicamente o percurso poético do autor.

⁴⁴ As fontes íntegras podem ser entendidas como a própria doutrina de Epicuro, da qual se faz Lucrecio o primeiro a transformá-la em matéria poética.

- 14- Aspirando p'ra mim uma coroa
 15- Ilustre, com que as Musas não cingiram
 16- A fronte de ninguém, antes da minha. 930
 17- Primeiro, porque ensino sobre grandes
 18- Coisas, e a libertar prossigo os homens
 19- Dos cerrados liames religiosos⁴⁵;
 20- Depois porque a respeito de matéria
 21- Obscura luminosos cantos crio⁴⁶,
 22- Tudo tocando com Musal encanto.
 23- E isto não me parece sem sentido, 935
 24- Mas como quando os médicos forcejam
 25- Por dar o hórrido absinto aos pequeninos,
 26- Antes tingem as taças, nas beiradas,
 27- Co' o doce e flavo mel, para que a idade
 28- Impróvida, até aos lábios, seja ilusa,
 29- E enquanto isto bebam os meninos
 30- Até ao fim o licor do amaro absinto, 940
 31- Não percebendo o engano, mas bem antes,
 32- Animados por pacto tal propício,
 33- Revigorem-se todos com saúde⁴⁷.
 34- Assim, então, porque esta tal doutrina
 35- Aos que a não discutiram bem parece
 36- Ser a mais triste, e o vulgo p'ra trás desta
 37- Se volta, com dulcíloquo cantar 945
 38- Da Piéria, bem quis apresentar-te
 39- Esta nossa doutrina, e assim untá-la
 40- Co' o doce mel das Musas, se eu pudesse,
 41- Talvez, a ti reter-te em nossos versos,
 42- E a tua mente, com tal doutrina, enquanto
 43- A natura das coisas tu no todo
 44- Examinas, e a forma em que se ordena. 950

Referências bibliográficas

⁴⁵ Lucrécio aqui reafirma o valor libertador e salvador de seu poema, pois se propõe a ensinar por meio da poesia uma doutrina que se destaca por curar os males da alma e purgar os pavores da existência.

⁴⁶ O poeta mostra toda a consciência de que seus versos têm o papel de iluminar, através da beleza, a obscuridade da doutrina de Epicuro. É interessante notar que essa obscuridade pode fazer referência às críticas notórias que foram feitas, na antiguidade, por opositores da escola, ao estilo do filósofo do jardim, dito rebarbativo e pouco claro.

⁴⁷ Tal símile encerra uma interessante analogia entre a atividade do poeta e a do médico. Para Lucrécio, tal como a medicina oferece a cura para os males do corpo, a poesia, e mais especificamente a sua poesia, oferece a cura aos males da alma. Só que o remédio amargo de que fala o poeta nessa passagem seria a doutrina epicurista, enquanto que o doce mel usado pelo médico para embeber as taças que contêm o medicamento é a graça das Musas, que faculta pela arte o entendimento de doutrina tão obscura. Já as crianças impróvidas que rejeitam o tratamento são o leitor que, desconhecendo os benefícios que a filosofia de Epicuro pode lhe trazer, afasta-se dela com horror antes de apreendê-la, necessitando do socorro do poeta para que, ludibriado pelos encantos de seus versos, receba a instrução que precisa a fim de salvar-se a si mesmo.

AGUIAR, Saulo Santana de. *A poética da emulação no De rerum natura*. 137 f. Dissertação (mestrado em Letras –Literatura, Teoria e Crítica) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

ALI, Manoel Said. *Versificação portuguesa*. São Paulo: Edusp, 1999.

BOTELHO, José Francisco. *Nota sobre a tradução*. In: CHAUCER, Geoffrey. Contos da Cantuária. Tradução de José Francisco Botelho. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013, p. 17-18.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARO, Tito Lucrecio. *A natureza das coisas*. Tradução de Antonio José de Lima Leitão. Tomo I. Lisboa: Typographia de Jorge Ferreira de Matos, 1951.

_____. *Da natureza*. Os pensadores. Tradução de Agostinho Silva. 1. Ed. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973.

CARUS, Tito Lucretius. *De Rerum Natura*- livro I. Tradução de Juvino Alves Maia Jr., Hermes Orígenes Duarte Vieira, Felipe dos Santos Almeida. João Pessoa: Ideia, 2016.

CONTE, Gian Biagio. *Insegnamenti per un lettore sublime*. In: LUCREZIO. La Natura delle Cose. Introduzione di Gian Biagio Conte, traduzione di Luca Canali, testo e commento a cura di Ivano Dionigi. 15ª ed. Milano: BUR Rizzoli, 2008, p. 7-46.

DOMINGUES, Mario Henrique. *O trovão e o relâmpago*: tradução do canto VI do poema de Lucrecio e análise de função poética de fragmentos. 269 f. Dissertação (mestrado em Letras Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *Massime e aforismi*. Cura e versione di Antonangelo Liori. Roma: Tascabili Economici Newton, 1993.

_____. *Obras*. Traducción de Montserrat Jufresa. 2ª ed. Madrid: Editorial Tecnos, 1994.

ERNOUT, Alfred & MEILLET, Alfred. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 2001.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar Latino-Português*. 6ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

_____. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FERNANDES, Marcelo Vieira. *Manílio, Astronômicas*: tradução, introdução e notas. 289 f. Dissertação (mestrado em Letras Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. *As faces da razão*: instrução e mimese nas *Astronômicas* de Manílio. 312 f. Tese (doutorado em Letras Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FIOLHAIS, Carlos. *Sobre a natureza das coisas*. Dererummundi.blogspot. 2021. Disponível em: <http://dererummundi.blogspot.com/2007/08/sobre-natureza-das-cousas.html>. Acesso em 31 de mar. de 2021.

GALE, M. R. *Lucretius and didactic epic*. London: Bristol Classical Press, 2001.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *L'hexamètre au Brésil*: la tradition de Carlos Alberto Nunes. In: *Anabases- traditions et réceptions de l'Antiquité*. E.R.A.S.M.E, 20, 2014, p. 151-164.

_____. *Tradução e ritmo*: rêver le vers de Lucrécio. In: *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 11, n° 1, 2016, 183-197.

GREENBLATT, Stephen. *A virada*: o nascimento do mundo moderno. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

GRIMAL, Pierre. *História de Roma*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. *O século de Augusto*. Tradução de Rui Miguel Oliveira Duarte. Lisboa: Edições 70, 1992.

GUAL, Carlos Garcia. *Epicuro*. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes. Jandira: Principis, 2020.

LUCRÉCIO. *Da natureza das coisas*. Tradução de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Relógio d'Água, 2015.

_____. *Sobre a natureza das coisas*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LUCRECIO. *De La naturaleza*. Introducción, traducción y notas de Eduard Valentí Fiol. Barcelona: Casa Editorial BOSCH, 1993.

LUCREZIO. *De Rerum Natura*. A cura di Lucio Ceccarelli. Italia: Società Editrice Dante Alighieri, 2002.

_____. *Il poema della natura*. Testo latino e versione poetica di Pietro Parrella. Bologna: Nicola Zanichelli, 1953.

_____. *La natura delle cose*. Introduzione di Gian Biagio Conte, traduzione di Luca Canali, testo e commento a cura di Ivano Dionigi. 15ª ed. Milano: BUR Rizzoli, 2008.

NETO, João Ângelo Oliva. *O hexâmetro dactílico de Carlos Alberto Nunes: teoria e repercussões*. In: Revista Letras- UFPR, n° 89, 2014, p. 187-204.

NOGUEIRA, Érico. *O esmeril de Horácio: ritmo e técnica do verso em português*. São Paulo: Editora Filocalia, 2020.

PASQUAL, Gianluca. *Pietas, Sanctitas, Religio: reliogone e laicità in Lucrezio e Cicerone*. Milano: Mondadori, 2012.

QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Tradução de Bruno Fregni Basseto. Tomo IV. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2016.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário Latino-Português*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

TÁPIA, Marcelo. *Diferentes percursos de tradução da épica homérica como paradigmas metodológicos de recriação poética*. 290 f. Tese (doutorado em teoria literária e literatura comparada). Programa de pós-graduação em teoria literária e literatura comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TOOHEY, P. *Epic lessons – An introduction to ancient didactic poetry*. London; New York: Routledge, 2010.

TRAGLIA, Antonio. *Sulla formazione spirituale di Lucrezio*. Roma: Casa Editrice Gismondi, 1948.

TREVIZAM, Matheus. *Poesia didática – Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

Recebido em: 12/04/2021

Aprovado em: 12/05/2021